

A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet

Evandra Grigoletto *

Resumo

O presente trabalho pretende verificar como se dá a construção da identidade de jovens, através da escrita de si, quando expostos a diferentes ambientes para essa escrita. Elejo, para tanto, o ambiente da universidade e o da internet com o propósito de analisar as determinações impostas por esses ambientes a esse sujeito que neles se inscreve para escrever sobre si. Procuo, portanto, estabelecer uma comparação entre textos que circulam nesses ambientes, analisando o quanto e como essas determinações constituem a construção da(s) identidade(s) desses jovens. Tanto a universidade como a internet podem ser caracterizadas como espaços de construção de saberes, no entanto de ordens bem distintas. Enquanto a universidade é um lugar institucionalizado socialmente como construtor/detentor de saberes, com normas e regras bem determinadas, a internet pode ser considerada um espaço onde tudo, ou quase tudo, é permitido, inclusive escrever sobre si mesmo para um outro, que é desconhecido. Portanto, no caso da escrita, um leitor determinado – na maioria das vezes, o professor – cede lugar a um leitor desconhecido.

Palavras-chave: Escrita de si. Identidade. Ambiente virtual/institucional.

Considerações iniciais

O tema identidade tem sido bastante debatido e estudado por diferentes áreas do conhecimento e perspectivas teóricas, o que não significa que a reflexão em torno dele tenha se esgotado. Pelo contrário, parece-me que, cada vez mais, uma crise identitária nos afeta enquanto sujeitos sociais, inseridos numa sociedade que também passa por uma crise de identidade. De um lado, temos o discurso neoliberal, mercadológico, aliado à ideologia da globalização, que pretende a centralização e a homogeneização de tudo e de todos. Nesse discurso, como afirma Coracini (2003, p. 13), “as diferenças só são respeitadas na medida em que elas garantem a manutenção ou a criação de um novo mercado de consumo”. De outro, há o discurso de cada cidadão, o discurso individual de cada sujeito que luta para sobreviver nessa sociedade e, a cada dia, pergunta-se sobre o seu papel, sobre a razão de sua vida, de sua profissão etc. E esse discurso,

* Doutora em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS. Docente dos programas de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).

que chamarei aqui de individual,¹ está determinado por aquele, já que somos moldados/assujeitados a padrões ditados pela chamada sociedade moderna – a sociedade da informação e do conhecimento, mas, ao mesmo tempo, da pobreza e da violência.

Diante desse contexto, surgem alguns questionamentos: Que espaço tem o jovem, nessa sociedade para resistir a essas imposições, a essa determinação? Poderíamos pensar que a escrita de si se constitui num espaço para produção de resistências? Em certa medida, é, sim, um espaço para esse sujeito produzir resistências, mas nenhuma resistência está totalmente livre de determinações sócio-históricas e ideológicas.

Portanto, a depender do lugar em que essa escrita se produz, a determinação é maior ou menor, respeita determinadas regras, normas ou não. E é justamente essa reflexão que me proponho fazer neste artigo: observar o modo como o jovem se subjetiva, ou seja, constrói sua identidade ao escrever sobre si em dois ambientes distintos: a internet e a universidade.

Para tanto, num primeiro momento apresento uma reflexão acerca dos conceitos que nortearão minhas análises sobre a escrita de si, quais sejam, o conceito de escrita e de identidade.

Sobre a noção de escrita

Foucault, ao tratar das questões sobre leitura/escrita, em sua aula de 3 de março de 1982, publicada na obra *A hermenêutica do sujeito*,² afirma que a leitura tem com objetivo principal

propiciar um momento de meditação, de meditação como exercício de pensamento, exercício “em pensamento”, exercício de apropriação, o que difere do modo como entendemos a palavra “meditação” usualmente. Essa apropriação “consiste em fazer com que, da coisa verdadeira, tornemo-nos o sujeito que pensa com verdade e, deste sujeito que pensa com verdade, tornemo-nos um sujeito que age como se deve” (2004a, p. 429).³ Mas, além de uma experiência de apropriação, a meditação também é, como diz Foucault, uma experiência de identificação. Então, o sujeito não só se apropria do discurso verdadeiro, que o determina, mas também se identifica com esse discurso. No entanto, ele faz isso, eu diria, afetado pela inconsciente e assujeitado pela ideologia.

Se tomarmos, portanto, a leitura como exercício de meditação, isso explica, segundo Foucault, o efeito que se espera da leitura: “não a compreensão do que o autor quis dizer, mas a constituição para si de um equipamento de proposições verdadeiras, que seja efetivamente seu” (2004a, p. 431). Por isso, a leitura está ligada à escrita como elemento do exercício de si, como elemento de meditação.

Segundo Foucault (2004a, p. 429), a subjetivação do discurso verdadeiro se dá através de todas as técnicas e todas as práticas que concernem à escuta, à leitura, à escrita e ao fato de falar. Assim, o ler e o escrever como se deve é tomado como técnica do discurso verdadeiro. A escrita, assim como a leitura, é um elemento do exercício de si no qual o sujeito se subjetiva, produzindo um

discurso que julga verdadeiro. Portanto, leitura e escrita são processos complementares. Como diz Foucault, “é preciso temperar a leitura com a escrita, e reciprocamente, de modo que a composição escrita dê corpo (*corpus*) àquilo que a leitura recolheu. A leitura recolhe *orationes*, *logói* (discursos, elementos de discurso); é preciso fazer disto um *corpus*. É a escrita que vai constituir e assegurar este *corpus*” (2004a, p. 431). Em outras palavras, a escrita é a materialidade da leitura.

Ainda segundo Foucault, a escrita enquanto exercício faz com que assimilamos a própria coisa na qual pensamos (o objeto da escrita). “Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso de virtualidade física” (2004a, p. 432). Assim, esse exercício de escrita é uma das formas de subjetivação do discurso verdadeiro. Empenhamo-nos em sustentar, diz o autor, uma verdade sobre um sujeito que, muitas vezes, não somos. O dizer verdadeiro torna-se, então, o modo de ser do sujeito, o que implica a renúncia a si em detrimento de uma *palavra verdadeira que foi dita por um Outro*. Portanto, na prática da escrita, “incorporamos o discurso verdadeiro que ouvimos da boca de um outro ou que lemos sob o nome de um outro” (2004a, p. 433).

Ao retomar a época do cristianismo, Foucault relaciona-a com o discurso verdadeiro. Afirma que os distintos papéis do ensino, da pregação, da confissão, da direção da consciência estão todos assegurados na instituição eclesiástica.

O discurso do mestre, nesse contexto, dirige-se ao discípulo, o dirigido, como diz Foucault. O dirigido é “aquele que deve ser conduzido à verdade e à salvação, aquele que, por conseguinte, ainda está na ordem da ignorância e da perdição” (2004a, p. 437). O autor questiona-se sobre que verdade é essa que tem o dirigido a dizer. A verdade de si mesmo, responde Foucault. E acrescenta: o momento em que a tarefa sobre o dizer verdadeiro sobre si mesmo foi inscrita no procedimento indispensável à salvação constitui um momento fundamental para a história da subjetividade no Ocidente, ou na história das relações entre sujeito e verdade. Foucault cita a confissão como um exemplo dessa obrigação do dizer verdadeiro sobre si mesmo. É só nessa situação que o sujeito tem o direito de falar, produzindo um discurso que está determinado pela verdade do discurso do mestre. Em outras situações, “é preciso e basta que ele se cale” (2004a, p. 438). Eis a determinação institucional imposta ao sujeito, a qual não se inicia no cristianismo, mas vem desde a Antiguidade e perdura até hoje. Talvez, na sociedade atual, essa determinação seja ainda mais forte, no entanto está mascarada por um discurso de liberdade e igualdade para todos, como referi na introdução deste artigo.

Portanto, naquela época e ainda hoje, “o sujeito deve tornar-se sujeito de verdade. Deve ocupar-se com discursos verdadeiros” (2004a, p. 438), escutando-os e reproduzindo-os. Então, que espaço, que papel tem esse sujeito que diz a verdade, que produz o discurso verdadeiro?

Seu papel é o silêncio, diz Foucault, já que não existe autonomia, função própria no discurso do dirigido. A ele resta a capacidade de provar-se como sujeito capaz de dizer o verdadeiro. “É no discurso do mestre, e nele somente, que a verdade está por inteiro” (2004a, p. 439). E Foucault conclui que, “assim como o discípulo deve calar-se para operar a subjetivação de seu discurso, o mestre, por sua vez, deve manter um discurso que obedece ao princípio da parrhesía,⁴ desde que pretenda que o que ele diz de verdadeiro torne-se enfim, ao termo de sua ação e direção, o discurso verdadeiro subjetivado do discípulo” (2004a, p. 440).

É importante ressaltar que, embora Foucault não estivesse pensando na sociedade contemporânea, nem no discurso escolar especificamente, essa reflexão do autor é bastante pertinente para este trabalho, uma vez que a universidade, assim como o discurso cristão, produz um discurso que pretende ser verdadeiro, no qual ao mestre (professor) é atribuída a posição de sujeito dominante, ao passo que ao discípulo resta se submeter, estar subordinado à posição do mestre. E esses papéis não são atribuídos de forma inocente e aleatória, mas determinados pelas condições sócio-históricas e ideológicas em que esse(s) discurso(s) é (são) produzidos. No entanto, ainda que estando subordinado a uma posição dominante, o sujeito-aluno subjetiva-se discursivamente, tentando resistir, muitas vezes, a essas imposições.

A escrita, como diz Orlandi (2006, p. 24), “é uma relação do sujeito com

a história” e, por sua vez, com o simbólico. “A inscrição do sujeito na letra é um gesto simbólico-histórico que lhe dá unidade, corpo, no corpo social.” Em outras palavras, o sujeito se singulariza no gesto da escrita, sendo que os modos de individualização desse sujeito se dão, conforme Orlandi, de formas diferentes nas diversas conjunturas históricas. Portanto, o sujeito moderno, capitalista, relaciona-se de forma diferente com a escrita daquela do sujeito da época do cristianismo, por exemplo. E as novas tecnologias, incluída aí a internet, são uma das formas de o sujeito moderno se relacionar com a escrita, singularizando-se por um gesto que é mediado pelo simbólico. No entanto, se esse sujeito moderno possui características que o distinguem do sujeito de outras épocas históricas, ele também mantém traços desse sujeito do passado, uma vez que mudam os instrumentos, a linguagem e até os interlocutores, mas as determinações histórico-sociais, o olhar do outro permanecem. Então, o sujeito, seja o moderno ou o da época do cristianismo, escreve sobre si para se lançar ao olhar do outro, para produzir uma espécie de confissão ao outro.

E Foucault (1983)⁵ ratifica isso ao afirmar que escrever é “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro (2004b, p. 156).⁶ E se escrever é se mostrar, se expor ao olhar do outro, ainda que esse outro seja um desconhecido, como é o caso da internet na maioria das vezes, esse outro determina, sim, a escrita de si do sujeito-internauta, assim como determina a escrita do sujeito-aluno. No en-

tanto, este outro, no caso da internet, não é um leitor marcado como ainda é no ambiente universitário. Então, eu diria que esse leitor desconhecido, assim como o sujeito que produz essa escrita, está determinado sobretudo pela formação social na qual se inscreve, ou seja, pelo o quê a sociedade espera deles. E no ambiente universitário os sujeitos estão determinados, sobretudo, pelo lugar institucional no qual estão inseridos, que, por sua vez, também é legitimado no interior de uma dada formação social, que é a do capitalismo na atual conjuntura.

A escrita, portanto, tanto pressupõe a singularidade do sujeito quanto a determinação do outro – o(s) sujeito(s) a quem se dirige, o lugar que ele próprio ocupa socialmente, mas também o lugar que o seu leitor ocupa, as condições de produção da sua escrita etc. Produz, assim, um efeito ideológico. Por isso, ela pode ser tomada como uma materialidade discursiva lacunar, porque abriga em sua constituição a alteridade do sujeito, a qual está marcada pela dimensão inconsciente dos sujeitos que se inscrevem nesse processo.

Dessa forma, podemos dizer que a escrita articula-se entre o lingüístico, o histórico, o social e o ideológico, constituindo-se num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades.

Sobre a noção de identidade

Interessa-me discutir a(s) identidade(s) do sujeito discursivo, que se

constrói(em) no processo da escrita, o qual é afetado pela dimensão socio-ideológica e histórica do dizer. Por isso, não podemos falar de uma identidade fixa, una e completa do sujeito, mas, sim, de uma identidade heterogênea, fragmentada, incompleta, já que, na busca da construção de singularidade do eu, o sujeito é abalado, desestabilizado o tempo inteiro pelo outro.

Segundo Rajagopalan (2001), em seu artigo “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?”, “a questão da identidade está ligada à idéia de interesse e está investida de ideologia. Assim, a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica” (2001, p. 42). E a consequência disso é que ela (a identidade) está em permanente estado de fluxo.

Pêcheux (1975) em *Semântica e discurso* trata dos movimentos identificatórios do sujeito, os quais ele chama de “modalidades das tomadas de posição” e que estão relacionados com a constituição da identidade do sujeito.

Segundo Pêcheux (1975), “a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva⁷ que o domina” (1995, p. 163). E essa interpelação supõe um desdobramento que pode assumir diferentes modalidades, quais sejam:

A primeira modalidade a que Pêcheux (1975) se refere “consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujei-

tamento sob a forma do ‘livremente consentido’”. E isso vai caracterizar o discurso do “bom sujeito”. Trata-se, segundo Indursky (2000),⁸ de uma “identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o sujeito”.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal (forma-sujeito) através de uma “tomada de posição”, que consiste numa separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o “sujeito universal” lhe dá a pensar (Pêcheux, 1975), ou seja, o que diz a forma-sujeito. Essa separação, segundo Indursky (2000), conduz o sujeito do discurso a contra-identificar-se, distanciando-se do saber da formação discursiva que lhe é imposta.

A essas duas modalidades Pêcheux acrescenta uma terceira, que funciona sob o modo da “desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação/deslocamento da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 1975). Segundo o entendimento de Indursky (2000), o sujeito do discurso desidentifica-se com uma formação discursiva e sua forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva adversa a sua respectiva forma-sujeito. Conforme Indursky,

em decorrência destas diferentes modalidades de tomada de posição, sobretudo a segunda e a terceira, que introduzem a contra-identificação e desidentificação, a unicidade e a homo-

geneidade do sujeito ficam fortemente relativizadas, pois abre-se espaço para o trabalho na e sobre a forma-sujeito com a qual o sujeito do discurso se relaciona pelo viés da formação discursiva que o afeta (2000, p. 73).

Assim, a partir desses movimentos de desdobramento, a forma-sujeito não pode mais ser vista na ótica da unicidade, já que, ao desidentificar-se com a formação discursiva, o sujeito, que está afetado pelo inconsciente, rompe com os saberes dessa FD, identificando-se com outros saberes. Isso nos conduz a pensar na instauração da diferença e da contradição no interior de uma FD, que passa a ser considerada heterogênea.

Trouxe à reflexão as modalidades das tomadas de posição do sujeito, pensadas por Pêcheux, por entender que é também por meio desse movimento de identificação/desidentificação/contra-identificação do sujeito do discurso com a formação discursiva que ele constitui a sua identidade. Afinal, estamos diante dos processos identificatórios do sujeito que compreendem, em sua constituição, as representações das imagens dos interlocutores que estão inscritos em determinado discurso. Assim, a identificação do sujeito com determinado saber de uma FD e sua(s) forma(s)-sujeito é que vai determinar a posição ou as posições que ele vai ocupar no discurso. Logo, considerando que os movimentos de identificação do sujeito são do nível da formulação do dizer, a identidade, sendo do nível da constituição do discurso, pode trabalhar/mobilizar vários desses movimentos.

O nível da constituição é da ordem do interdiscurso, onde todos os dizeres/saberes circulam. O sujeito, ao se identificar com determinado saber dessa ordem, vai estar afetado/determinado por um lugar social e, conseqüentemente, vai constituir uma identidade. No entanto, ao passar para o nível da formulação, inscrevendo o seu dizer na ordem do intradiscurso, o lugar social que esse sujeito ocupa vai determinar a sua inscrição num determinado lugar discursivo,⁹ sob o qual podem se desdobrar diferentes posições-sujeito no discurso, as quais são ocupadas graças aos movimentos de identificação que esse sujeito produziu com outro(s) discurso(s).

Por isso, podemos pensar a identidade como uma construção sócio-histórica e ideológica, que mobiliza as dimensões simbólica e imaginária do sujeito. Essa construção é da ordem da constituição tanto do sujeito quanto do discurso e só é possível graças aos movimentos identificatórios entre o eu e o outro, resultantes de ações subjetivas inconscientes do sujeito, que são da ordem da formulação do dizer.

Orlandi (2001), em seu artigo “Identidade lingüística escolar”, destaca algumas características da identidade. Afirma, em primeiro lugar, que “a identidade é um movimento na história” (2001, p. 204), o que significa que não é sempre igual a si mesma, é heterogênea e está sempre em transformação, conforme os movimentos identificatórios do sujeito do discurso. É no movimento da identidade, o qual se dá como um percurso na história, pela da articulação entre unidade e

dispersão, que o sujeito do discurso se desloca em distintas posições, as quais são resultado dos processos de identificação/desidentificação/contratificação do sujeito do discurso com determinada FD. “Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação” (ORLANDI, 2001, p. 205).

Ainda segundo Orlandi, “nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentido” (2001, p. 206).

E é por meio desses inúmeros movimentos que fazemos que constituímos nossa identidade enquanto sujeitos de um determinado discurso. Identidade aqui entendida não como um bloco fechado e acabado, mas constituída a partir das relações imaginárias e simbólicas, das diferentes dimensões dos modos de constituição histórica do sujeito, da alteridade, ou seja, da relação com o outro, que, por sua vez, também nos constitui enquanto identidade. Portanto, trata-se de uma identidade que está em contínua relação com outras identidades, constituindo-se desde sempre.

Para Orlandi, “se a identidade é um movimento na história, é justamente porque todo processo de significação é uma mexida (deslize) em redes de filiação (na relação entre formações discursivas, no conjunto de memória) de tal modo que o sujeito se produz ao mesmo tempo como repetição e como deslocamento” (2001, p. 207). Assim, há que se levar em conta o modo como

o sujeito do discurso se relaciona com a ordem do simbólico e do imaginário. Por isso, reitero que podemos pensar a identidade como uma construção simbólica e imaginária e que, enquanto tal, envolve os processos sócio-históricos e ideológicos (entre os quais estão a linguagem e as formações imaginárias) em que o sujeito está inserido, através dos movimentos de identificação, que, por sua vez, contribuem para a elaboração do sentido de um discurso. É uma construção que está sempre em transformação, o que não significa o apagamento de saberes históricos que já fazem parte da história do sujeito. Enquanto sujeitos sociais, somos interpelados a assumir diferentes lugares: somos professores, somos filhos, somos alunos, somos pais, somos cientistas, somos jornalistas etc., os quais são do nível da constituição não só do sujeito, mas também das práticas discursivas. Nisso consiste a constituição da identidade de cada sujeito, que se movimenta entre os diferentes processos de identificação. Portanto, trata-se de uma identidade que não é única, tampouco estática e homogênea, já que está em constante estado de fluxo.

A escrita de si na universidade: as análises

As seqüências discursivas a seguir foram selecionadas de um *corpus* composto de 15 apresentações pessoais de alunos universitários, estudantes de Letras, do terceiro e do sétimo semes-

tre. Diante da tarefa, solicitada pela professora, de escrever uma apresentação pessoal para ser lida, em seguida, ao grupo, esses estudantes já estavam determinados pelo discurso pedagógico, institucional. Ainda que a professora não tenha determinado o que deveria constar nessas apresentações, alguns alunos a questionaram sobre o que deveriam escrever, ao que a docente respondeu que poderiam escrever sobre o que eles julgavam importante dizer sobre si próprios naquela situação. Então, esses jovens gozavam de uma certa liberdade diante dessa tarefa. No entanto, podemos perceber, ao ler as apresentações, que as referências sobre o que escrever se repetem e que o lugar de resistência cedeu lugar à determinação institucional, ao discurso verdadeiro, como diz Foucault (1982), já que é no discurso do mestre, o qual está determinado pelo lugar institucional, neste caso, a universidade, que está a verdade por inteiro. Para proceder às análises das apresentações, separamos as seqüências discursivas em cinco recortes, conforme o que o *corpus* nos apresentava, quais sejam: 1) referência à família e à origem; 2) referência à idade; 3) referência ao trabalho; 4) referência ao curso de Letras; 5) referência a características da personalidade.

Recorte 1: Referência à família e à origem

De um total de 15 apresentações, em 13 há referência à família e à origem, o que mostra uma forte deter-

minação, nesse caso, não só institucional, mas também social, do que se espera de uma apresentação pessoal. Essa recorrência aponta, ainda, laços de identificação do sujeito tanto em relação à família quanto em relação à origem, o que corrobora a manutenção de um *status quo*, de um imaginário sócio-histórico acerca do próprio conceito de família. Desse universo de 13 seqüências discursivas (SD), selecionei quatro que julguei mais representativas para a análise. Eis as seqüências selecionadas:

SD1: Sou natural de Passo Fundo [...]. Moro com meus pais, *portanto* sou ainda um cidadão com estado civil solteiro, *mas* compromissado com uma linda moça passo-fundense.¹⁰

SD2: Não tenho irmãos, sou noiva, *porém* sou muito tímida [...]. Moro em Nova Araçá com meus tios, pois meus pais moram no interior, *vivendo da agricultura*.

SD3: Moro em Carazinho, sou solteira e moro com meu irmão e minha irmã, pois perdi meus pais. *Ainda estou muito abalada com tudo o que aconteceu em minha vida, mas estou lutando com todas as forças que tenho pra não me deixar abater*.

SD4: Moro com meus pais, minha irmã e meus bichos. *Mas* pretendo logo atingir minha independência e ter a minha casa (*assuntos desconexos?!?!)*

Na SD1, o sujeito-aluno declara sua naturalidade, bem como que *mora com os pais*. É interessante observar, nesse caso, o uso dos articuladores *portanto* e *mas*, uma vez que, ao utilizar o *por-*

tanto, produz o efeito de sentido de que morar com os pais implica, necessariamente, ser solteiro, estado civil desse provisório, já que declara também que já está *compromissado com uma linda moça passo-fundense*, o que se contrapõe com a afirmação anterior, pelo uso do *mas*. Observamos, nessa seqüência, além da determinação do imaginário do senso comum acerca da família, uma determinação da ordem do campo jurídico ao utilizar o termo *estado civil*. Esta última determinação se explica pelo lugar social de advogado que esse sujeito-aluno ocupa, o que comprova que o lugar social é determinante do dizer do sujeito.

Na SD2, a aluna fala da família, ou seja, dos pais, e dos tios com quem mora para poder estudar, dando destaque à origem, ao modo de sobreviver da família (*vivendo da agricultura*). Chama a atenção nessa seqüência o fato de começar declarando que não tem irmãos – o que parece produzir um efeito de sentido de lamento –, mas que tem um noivo, mesmo sendo *muito tímida*. Fica subtendido, a partir dessa declaração, que timidez pode não combinar com noivado, o qual, no entanto, lhe garantirá a constituição de uma família num futuro não muito distante. Eis, mais uma vez, a determinação sócio-histórica e ideológica sobre o que se espera da família.

Na SD3, observamos, outra vez, o destaque para o estado civil e a origem. A aluna justifica que mora somente com os irmãos porque perdeu os pais – fato que a deixou, e ainda deixa, muito abalada. Observamos, a partir do segundo

enunciado da seqüência, que a perda dos pais significou para esse sujeito, além de uma perda afetiva, uma perda de um lugar de identificação, de referência. Por isso, ela luta *com todas as forças para não se deixar abater*. Trata-se de um sujeito que busca (re)encontrar a sua identidade perdida, a qual encontrava lugar de identificação no outro, nesse caso, nos pais.

Na última seqüência desse recorte, SD4, o sujeito busca romper com o imaginário construído socialmente acerca da família ao colocar os *pais, irmã e bichos* no mesmo patamar, como se todos pertencessem à família. Além disso, ao utilizar o *mas*, produz um deslocamento de sentido em relação ao imaginário, que está sedimentado socialmente e que aparece nas SDs anteriores, de que sair de casa significa casar. Percebemos, assim, que esse sujeito-aluno busca, por meio da escrita sobre si, uma singularidade própria, a qual está ligada com a construção da sua identidade que, por sua vez, está relacionada com a conquista da *independência* e da sua própria *casa*. No entanto, logo após afirmar essas conquistas, a aluna questiona se ter independência e morar sozinha são assuntos realmente interligados, o que aponta para a dispersão do sujeito e também dos sentidos, os quais, agora, já podem deslizar para outros efeitos e que, talvez, já não coloquem esse sujeito na posição de resistência como parecia no início da seqüência. É claro que esses movimentos só são possíveis porque o sujeito está afetado pelo inconsciente e ora se identifica, ora se contra-identifica com os saberes que circulam no senso comum sobre a família.

Recorte 2: Referência à idade

Assim como no recorte anterior, em 13 das 15 apresentações que constituem o *corpus* deste artigo aparece a referência à idade, o que marca a determinação do lugar institucional e do que se espera de uma apresentação pessoal. A tradição escolar “prega” que numa apresentação pessoal devem constar a idade, a origem, as justificativas para as escolhas dos caminhos de vida etc., ainda que essa não tenha sido uma determinação da docente ao solicitar a tarefa. Eis as seqüências selecionadas para esse recorte:

SD1: Será que digo a idade? Hum... vamos lá: tenho 21 anos e sou do signo de gêmeos.

SD2: Tenho quase 20 anos (graças a Deus)

SD3: [...] hoje estou *com 24 anos* e caminho rumo a me formar como professora de Letras e assim poder sair debaixo da saia da minha mãe.

É interessante observar nesse conjunto de SDs que, embora esses alunos estejam determinados pelo lugar institucional e, portanto, pelo que se espera de uma apresentação pessoal para ser apresentada na universidade, conforme referi acima, há um deslizamento de sentido em relação às expressões empregadas para fazer referência a isso – *será que digo a idade? Hum... vamos lá* (SD1), *graças a Deus* (SD2), *sair debaixo da saia da minha mãe* (SD3). Tais expressões revelam mais do que uma informalidade no processo da escrita – mesmo em se tratando do ambiente universitário –, a construção da iden-

tidade desses sujeito-alunos, os quais produzem relações de identificação com outras ordens de saberes, diferentes do saber acadêmico. No caso da SD2, *ter quase 20 anos* significa estar perto de atingir a maioridade e, possivelmente, conquistar a liberdade. Por isso a interjeição de alívio entre parênteses – *grças a Deus*. Já, no caso da SD3, *formar-se* significa independência financeira, *sair debaixo da saia da mãe*.

Recorte 3: Referência ao trabalho

A referência ao trabalho, assim como a referência à família e à idade, mostrou-se recorrente no *corpus* analisado, aparecendo em 12 das 15 apresentações selecionadas. Portanto, como era de se esperar, tanto o trabalho quanto a família se constituem em lugares de identificação desses sujeitos-aluno. A seguir, apresento as SDs selecionadas para análise neste recorte:

SD1: No segundo mês da faculdade comecei a *dar aulas de inglês em escolas municipais* e aprendi a gostar desse trabalho pois, trabalhando com ludicidade e múltiplas inteligências reconquistei a música no meu trabalho.

SD2: Atualmente, *trabalho em uma imobiliária*, mas o que pretendo fazer de verdade é ser professora, ensinar aqueles que têm vontade e principalmente tentar despertar a vontade daqueles que não têm vontade de aprender.

SD3: Estou fazendo estágio na 39 CRE de Carazinho. Sou secretária do Setor Pedagógico. Gosto de trabalhar lá apesar de ter 11 mulheres me mandando fazer tudo ao mesmo tempo.

SD4: [...] trabalho o dia todo com crianças: sou professora. Pela manhã tenho uma turma de 2. série e à tarde uma pré-estréia. Considero-me uma pessoa realizada com o que faço.

Nesse conjunto de seqüências, percebemos um efeito de sentido dominante que se produz em todas elas, qual seja: o trabalho deve estar relacionado com a realização pessoal. Por isso, é preciso gostar do que se faz, mesmo sendo mandada por *11 mulheres ao mesmo tempo* (SD3).¹¹ E, quando não se gosta, aprende-se a gostar (SD1) ou se busca realização em outra profissão (*o que pretendo fazer de verdade é ser professora* – SD2). Estamos diante de outra determinação da sociedade atual, que impõe aos sujeitos o trabalho como algo que só pode ser prazeroso, já que, nessa sociedade do capital, passamos a maior parte do nosso tempo trabalhando. E, nesse caso, a realização profissional desses sujeitos também passa pela identificação com a escolha do curso. Parece que esses alunos têm necessidade de justificar a escolha da profissão como algo prazeroso, que traz realização etc. E isso é reforçado no recorte seguinte, no qual justificam a escolha pelo curso de Letras.

Recorte 4: Referência ao curso de Letras (13)

Seguindo o modo de dizer padronizado e institucionalizado, mais uma vez, a maioria dos alunos (13 de um total de 15 apresentações) fez referência à escolha do curso de Letras. Afinal, estão escrevendo uma apresentação falando

do lugar de alunos de Letras, portanto, devem justificar a escolha do curso. Eis as seqüências selecionadas:

SD1: Adoro o curso de Letras, *tanto a parte da Literatura quanto a parte da Lingüística*. Adoro *Línguas estrangeiras*, principalmente o inglês e o francês [...] espero da sociolingüística aprofundar o conhecimento das teorias lingüísticas para, possivelmente, já delimitar um assunto de pesquisa de monografia.

SD2: Optei pelo curso de Letras inicialmente pelo meu interesse em língua Inglesa, hoje vejo que gosto mais de literatura do que da língua Inglesa. *Por esse motivo penso em fazer futuramente alguma especialização em estudos literários*.

SD3: Minha primeira escolha para a faculdade foi Química-Licenciatura. Cursei o 1. sem. e a metade do segundo. Então resolvi abolir os números da minha vida. Sempre gostei de escrever. Escrevo sobre tudo. Amo ler e fazer análises, também gosto de analisar filmes e propagandas [...]. Ainda estou pensando, mas desde que conheci a Lingüística me apaixonei e acredito que depois da graduação vou rumar para o lado dos não-rabugentos.... talvez conectando com o ensino de língua estrangeira.

SD4: Talvez eu deva falar sobre o porquê de escolher Letras. Escolhi porque gosto de poesia, teatro, gosto muito de ler e acho que o curso está me ajudando bastante com relação a escrita.

Observamos nesse conjunto de seqüências que, além de justificar a escolha do curso, os alunos declaram suas preferências pelas diferentes áreas (Literatura, Lingüística, Línguas Estrangeiras – SD1; Literatura – SD2;

Lingüística – SD3; poesia, teatro, leitura – SD4), o que aponta para as relações de identificação desses sujeitos com as diferentes ordens de saberes e, conseqüentemente, para a construção de suas identidades como profissionais, futuros professores de língua materna e/ou estrangeira. E essa identidade profissional está diretamente relacionada com os efeitos de sentido produzidos pelo conjunto de SDs do recorte anterior, quando faziam referência ao trabalho. Por outro lado, é importante também observar que essas referências ao trabalho e à escolha do curso estão determinadas pelo lugar social de alunos que tais sujeitos ocupam, no momento de enunciação dessas apresentações. De alguma forma, eles precisam justificar ao outro (que pode ser a docente, nesse caso, mas também a família e a própria sociedade) as suas escolhas, mostrando que fizeram, sim, boas escolhas e, principalmente, que se sentem realizados com elas. Eis a busca da completude, da construção de uma identidade na/pela determinação, no/pelo olhar do outro.

Chama-me a atenção, sobretudo, nesse conjunto de seqüências, a declaração do(a) aluno(a) na SD3 de que havia escolhido, inicialmente, o curso de *Química*, mas que resolveu *abolir os números* de sua vida e que, *depois da graduação*, vai rumar para o *lado dos não-rabugentos*.

Ao fazer tal declaração, o sujeito-aluno produz um movimento de identificação com o campo de saber da lingüística, designando os estudiosos da literatura como “rabugentos”. Tal

movimento de (des)identificação reforça um imaginário que esse sujeito construiu acerca da lingüística e da literatura, possivelmente, durante o curso. Também podemos interpretar esse movimento do sujeito como um gesto de singularidade na sua escrita. Ora, ao designar os estudiosos da literatura como “rabugentos”, esse(a) aluno(a) recorta uma palavra da ordem do senso comum, não aconselhável a uma situação de escrita acadêmica, e não a grafa de maneira distinta das demais. Imprime, então, singularidade ao seu dizer, produzindo um deslocamento do padrão estabelecido pelo ambiente universitário, mas que não chega a romper com a determinação institucional, uma vez que está justificando a escolha pelo curso, inclusive fazendo referência à continuidade dos estudos nessa área.

Já, um gesto diferente, mas que aponta para a mesma direção, é produzido pelo sujeito da SD4, ao declarar que *talvez* ele deva falar sobre o porquê escolheu Letras. Ao mesmo tempo em que fica em dúvida (*talvez*), ele declara que *deve* justificar a escolha do curso, o que faz em seguida.

Por fim, aparecem também nas apresentações ora analisadas as referências a características da personalidade desses alunos, no entanto de forma menos recorrente que as referências analisadas nos recortes anteriores (seis de quinze apresentações). Ainda, em duas apresentações apareceram referências a sonhos para o futuro, os quais estão ligados ao profissional, o que vem reforçar as referências an-

teriores já analisadas em relação ao trabalho e à escolha do curso. Portanto, não serão objeto de análise. Essa recorrência menor a esses dois aspectos se explica, mais uma vez, pela determinação do lugar institucional, já que interessam mais ao formato acadêmico de uma apresentação as referências ao trabalho, à escolha do curso, entre outras, do que as características pessoais e os sonhos que não estejam ligados ao profissional. Não nos esqueçamos de que esses sujeitos produziram essas apresentações falando do lugar de alunos do curso de Letras.

Recorte 5: Referência a características da personalidade

Abaixo, as seqüências selecionadas para análise deste recorte:

SD1: Considero-me uma pessoa de bem com a vida, que vai atrás dos objetivos. Sou simples, amiga, atenciosa e estou sempre disposta a receber novos conhecimentos.

SD2: Apesar de várias serem as formas, das quais poderia escolher uma para sobre mim falar, *deixarei, simplesmente as idéias à cabeça virem, em palavras transformarem-se e ao papel deslizarem! Que poético! Ai já vejo uma característica minha, **sonhadora***. Alguém que sonha e batalha para que esse sonho torne-se realidade. Batalha mesmo! Até na terapia...rs.... diria que lá sim é o verdadeiro campo de batalha psicológico! Haja garra para identificar o que eu preciso melhorar e, o mais importante, trabalhar nisso! Mas estou

caminhando, pois já disse o poeta: o tempo não para!

Sou doente por música, toh “ligada” o tempo inteiro, aprendo muito com isso e é o meu passatempo favorito!

Espero aprender muito na universidade e, embora as vezes pareça uma pessoa fechada, meus amigos mais chegados sabem que sou uma pessoa honesta, sincera, otimista e alegre.

É isso! Ah, e sou gremista!

SD3: Ah, eu *falo bastante, me meto mesmo se pego o bonde andando*, dou opiniões e *também o que me dá na telha*.

Na SD1, chama a atenção o fato de o sujeito-aluno declarar, juntamente com outras características que se espera de uma *pessoa de bem com a vida*, que *está sempre disposta a receber novos conhecimentos*. Ora, isso nos aponta, outra vez, para a determinação não só do lugar do qual está falando (aluna), mas também para quem está falando e com que finalidade está produzindo tal apresentação.

Já, produzindo um deslocamento em relação à padronização do que se espera de uma apresentação pessoal no ambiente acadêmico, os sujeito-alunos das SD2 e 3 falam de suas características utilizando-se de uma linguagem com traços de informalidade (*rs..., doente, toh “ligada”, me meto, pego o bonde andando e o que me dá na telha*). No entanto, o deslocamento se produz em relação à forma de apresentar, mas não em relação ao que apresentar. Portanto, embora haja traços de singularidade nessa escrita, ela não chega a romper com a determinação do lugar institucio-

nal. E um exemplo desse funcionamento podemos perceber quando, na SD2, a aluna produz a expressão *toh “ligada”*, a qual parece romper, num primeiro momento, com a determinação da forma da escrita institucional; no entanto, ao grafar o *ligada* com aspas, a padronização da escrita acadêmica volta a ser mais forte, sendo confirmada com o enunciado seguinte: *espero aprender muito na universidade..* Por isso, é deslocamento, mas não ruptura.

Ainda percebemos na SD2 que a aluna relaciona o poético com sonhadora, ou seja, seguindo a determinação do imaginário social acerca da poesia, quem é poético é sonhador. No entanto, ela se considera *alguém que sonha e batalha para que esse sonho torne-se realidade*, inclusive na *terapia*. É interessante notar que, ao falar dessa característica sua – sonhadora – o sujeito-aluno oscila entre o uso da primeira e da terceira pessoa do singular (*alguém que sonha...*). Busca, assim, construir sua identidade de sujeito desejante num movimento constante de se complementar, de se espelhar no outro.

Por fim, ainda nesse movimento de deslocamento com o dizer institucional, declara-se *gremista*, reforçando que a construção de sua identidade passa sempre pelo outro.

Na SD3, também observamos esse deslocamento do modo de dizer acadêmico pela utilização de algumas expressões próprias da ordem do cotidiano, como *me meto mesmo se pego o bonde andando, o que me dá na telha*, as quais revelam a identidade desse sujeito-aluno. Vejam-se, no entanto,

que o deslocamento está no modo de dizer, mas não no que deve ser dito numa apresentação pessoal no ambiente acadêmico.

Conforme Schons (2005, p. 139), “trabalha-se a escrita no sentido de que seu autor deva dar conta não apenas da unidade e coerência, mas daquela que diz respeito aos padrões estabelecidos tanto à forma do discurso, às formas gramaticais como ao modo de dizer padronizado e institucionalizado”. Esse é o formato da escrita acadêmica, a qual está determinada não só pelo lugar institucional, mas também pelo leitor marcado, o professor. E esse foi o funcionamento dominante nas análises de apresentações pessoais que acabamos de expor.

Observamos, no decorrer das análises, que as referências ao trabalho, origem, idade, curso de Letras são mais frequentes dos que as referências a características da personalidade e sonhos para o futuro, o que mostra a determinação do que se espera de uma apresentação pessoal, tanto em relação à forma, como ao modo e ao que deve/pode ser dito. Embora, em algumas seqüências, o sujeito imprima singularidade ao seu dizer, a sua identificação é maior com o discurso institucional, com o que a sociedade e a família esperam dele. Portanto, no discurso, os enunciados se repetem nas diferentes apresentações, apontando para um mesmo efeito de sentido dominante: a construção da identidade desses sujeito-alunos se dá em função do que o outro espera/projeta deles.

A seguir, analiso algumas apresentações do *orkut*, bem como escritas

de *blogs*, com o intuito de comparar a escrita de si na universidade com o funcionamento da escrita de si no ambiente institucional.

A escrita de si na internet: as análises

Nesse espaço, que é de todos e de ninguém ao mesmo tempo, onde predomina o anonimato, a memória é fugaz e a escrita é fluida, diante da pergunta “Quem sou eu?”, encontramos respostas que vão desde um simples (ou não tão simples) ponto de interrogação até o símbolo do time de futebol para o qual o internauta torce.

Schons (2005, p. 139) afirma que “o trabalho da escrita nem sempre se constrói em torno de sujeitos e espaços definidos e a ausência de um interlocutor remete a uma fronteira não localizável, a espaços e sujeito dispersos.” Essa afirmação da autora nos remete à reflexão acerca da escrita na internet, a qual não tem um interlocutor marcado, nem um formato determinado, como é o caso da escrita acadêmica. Estamos diante, portanto, de uma escrita que mobiliza outros modos de se relacionar com o texto, os quais implicam, por sua vez, outros modos de subjetivação dos sujeitos que se inscrevem nesse espaço. E Coracini (2005) ratifica essa idéia, ao analisar a escrita de si através de *blogs*, um gênero textual que surge junto com a internet. Segundo a autora, “o ciberespaço impõe aos sujeitos (que escrevem ou que lêem) outros modos de relacionamento com o texto, que, na verdade, constitui um

hipertexto – texto móvel, labiríntico que se desdobra à vontade do leitor com um simples toque no *mouse* ou no teclado” (2005, p. 44).

Para proceder às análises da escrita de si na internet, selecionei duas apresentações do orkut e duas SDs retiradas de *blog's*. Eis as SDs retiradas do orkut:

SD1: Quem sou eu? (orkut)

--- Um esquizofrênico assumido---

Um louco??

O Verdadeiro Louco, *busca coisas novas, diferentes*, afinal o mundo precisa de tudo, seja lá o que você seja capaz de entender e praticar.

Infelizes são aqueles que param pra observar os loucos. Ficam tão parados que suas pernas criam raízes no solo impedindo-os de voar

De não contribuir com nada, para o mundo

Eu posso Cair, tenho medo de altura, mas estou no Céu.

Mas também sou

“Apaixonado pela vida e por tudo que acontece no meu mundo”.

SD2: euamocerveja@msn.com add me e descubra!

Não beba dirigindo, você pode derrubar a cerveja!

Na SD1, diante da pergunta “Quem sou eu?”, o sujeito-internauta responde: *Um esquizofrênico assumido, um louco??*. Identifica-se, então, num primeiro momento, com um esquizofrênico, mas, a seguir, questiona-se se é um louco mesmo ou não, o que mostra a busca pela sua identidade. Assim, na tentativa de justificar a sua identificação com a loucura, no decorrer da

apresentação, explica por que ser louco é bom – *busca coisas novas, diferentes*, contribui com o mundo e, por isso, está no céu. Ao contrário, o “certo” é infeliz, pois não se permite voar e sente inveja dos loucos.

É interessante ainda observar que, no final da sua apresentação, depois de justificar para a sociedade por que ser louco é bom, ele se declara “apaixonado pela vida e por tudo que acontece no seu mundo”. E, ao utilizar o conector mas para introduzir essa declaração e grafá-la com aspas, aponta para o efeito de sentido de que o louco não é apaixonado pela vida. Ele, no entanto, apesar de louco, é apaixonado pela vida e à sua voz juntam-se outras vozes, que representam o discurso dos “certos”.

Percebemos, então, nessa SD um movimento de resistência do sujeito numa tentativa de fugir da padronização social, mas, ao se justificar o tempo todo porque ser louco é bom, “cai” na armadilha da determinação social, do olhar do outro, ainda que esse outro seja um desconhecido. E ao fazer esse movimento, o sujeito-internauta busca a construção da sua identidade, a qual, sem ele se dar conta, está fortemente determinada pelo imaginário que a sociedade constrói sobre a loucura, mais do que isso, pelo modo como a sociedade dita as normas do que é viver bem. Ainda que ilusoriamente, esse sujeito busca ser aceito socialmente e está assujeitado à ideologia do capital.

Na SD2, na tentativa de produzir um movimento de resistência à determinação social, o sujeito apresenta-se anunciando seu endereço no MSN

– *euamocerveja@msn.com* –, o qual é bem sugestivo, convocando, interpelando o outro, ainda que desconhecido, a descobri-lo. Mas, ao tentar “fugir” da determinação social, lança-se, expõe-se ao olhar do outro. Logo, parece que busca ser vigiado pelo outro, a partir do qual também constrói a sua identidade.

A seguir, fazendo um jogo com o enunciado que circula socialmente de que não se deve beber e dirigir, o sujeito produz uma contra-identificação, rompendo com o sentido imposto socialmente, com o sentido dominante. Percebemos no enunciado *não beba dirigindo, você pode derrubar a cerveja!* um deslizamento de sentido que aponta para uma identificação do sujeito com a bebida como algo bom, que supõe transgressão às normas impostas socialmente. Parece-me que o que funciona aqui é o que Foucault (1982) diz a respeito de um discurso da verdade que nos empenhamo em sustentar. *Uma verdade sobre um sujeito que não somos*, mas que o outro quer que sejamos, que a sociedade determina que sejamos. Trata-se, nesse caso, de uma verdade ao contrário, já que o sujeito, supostamente, nega a determinação às normas sociais. No entanto, ao negá-la, inscreve o seu dizer na mesma formação social que comporta esse discurso normativo, expondo-se ao olhar do outro, como vimos acima.

A seguir, apresento as outras duas seqüências, retiradas de *blog's* na internet.

SD3: Brenda Walsh Tupiniquim?

Cada vez sei menos falar de mim. Tenho muitos medos (sapo, galinha, fogo, solidão, maldade, expor a mim e a meus

sentimentos, etc.), algumas poucas coragens (andar de avião, morar em São Paulo, me jogar de cabeça nos meus sentimentos, etc.), certas esperanças (ainda vou me tornar uma mulher bem sucedida e reconhecida pelo meu talento!), outras tantas descrenças. Nasci em São Paulo, em 15 de setembro de 1978 – a virginiana mais às avessas que conheço! Fui um bebê muito desejado – uma vez me disse minha mãe. Tonto ser filha, neta, irmã, amiga, namorada, mulher, essas coisas. E escrevo.

SD4: Caraca esqueci de falar sobre a Balada de sábado nossa bebi muito e dei muita risada com a galera valeu a pena André!!!!

Nossa ando confuso demais por meu gosto, mais confesso que tenho navegado por mares perigosos!!! Nada como se arriscar um pouco né ahahahahahahaha mais preciso tomar cuidado com isso afinal se o barco afunda não sei nem se eu me salvo!!!!

Amanhã começa o Horário Político e já vi que vou me divertir horrores com os candidatos bizarros que aparecem e com as promessas fabulosas que alguns fazem!!!!

Amanhã acho que volto a ir a Faculdade isso realmente me deprime!!!! Mais ver as bixetes novas me dá um ânimo pra levantar e ir ouvir várias coisas que não me interessam ahahahahaha

(13/08/2006)

Em primeiro lugar, chama a atenção na SD3 a pergunta que intitula essa apresentação de um *blog*. O sujeito-internauta cria, nesse título, uma espécie de personagem, que é moderno (*Brenda Walsh*), mas, ao mesmo tempo *tupiniquim*, ou seja, já na pergunta que

intitula seu texto percebemos a busca por uma identidade. A dispersão é uma característica que perpassa toda a apresentação, já que a internauta fala dos seus *muitos medos*, mas também das *poucas coragens*, de *certas esperanças* e *tantas descrenças*. Trata-se, então, de um sujeito fragmentado, contraditório, disperso, incompleto, que está em busca da sua identidade, e que busca no outro a completude. Observem que, ao falar de seus medos, a internauta inclui “expor a mim e a meus sentimentos” e, em seguida, ao citar suas coragens, menciona “me jogar de cabeça nos meus sentimentos”. Então, surge a questão: como alguém que tem medo de expor seus sentimentos, ao mesmo tempo, joga-se de cabeça neles? Eis a contradição inerente ao sujeito e característica da construção de identidade. Ao afirmar que tenta *ser filha, neta, irmã, amiga, namorada, mulher*, percebemos outra vez esse sujeito disperso, fragmentado, que expõe as suas próprias angústias identitárias, estando fortemente determinada pelo lugar do outro, nesse caso, dos pais, avós, amigas, namorado etc.

É interessante, ainda, observar nessa apresentação que, embora a internauta não esteja determinada pelo lugar institucional, ela faz referência à idade, à origem e ao signo, o que mostra a determinação social. A linguagem também obedece às normatizações impostas socialmente, o que normalmente não ocorre no ambiente virtual, onde a escrita é mais fluida, menos vigiada.

Ela finaliza a apresentação dizendo que *escreve*, como se a escrita pudesse

lhe dar uma identidade própria, amenizar suas angústias e incertezas. A escrita funciona, então, nesse caso como uma espécie de confissão. O interessante é que essa confissão não tem nada de confidencial; ao contrário, ela é pública. Assim, a construção de sua identidade está fortemente determinada pelo olhar do outro, da sociedade. Eis os outros modos de subjetivação do sujeito nesse ambiente virtual.

A SD4 não se trata de uma apresentação de um *blog*, mas de um registro diário do *blogueiro*, escrito em 13/08/2006. Trata-se de uma espécie de confissão pública, onde o sujeito questiona-se sobre suas atitudes (*nossa bebi demais, ando confuso, tenho navegado por mares perigosos*) e, ao mesmo tempo, tenta justificá-las (*dei muita risada, valeu a pena André, nada como se arriscar um pouco*). Estamos diante, portanto, outra vez, de um sujeito fragmentado, disperso, em busca de sua identidade.

A seguir, fala do horário político com ironia (*vou me divertir horrores, candidatos bizarros, promessas fabulosas*) e da faculdade como uma coisa deprimente. Fazendo um contraponto com as apresentações pessoais que analisamos no item anterior, surge a questão: será que esse internautaalaria da faculdade como algo deprimente se estivesse escrevendo, ocupando o lugar social de aluno, como era o caso das apresentações pessoais já referidas? Eis os limites do que pode e deve ser dito em cada um dos ambientes. Possivelmente, esse internauta não produziria o mesmo enunciado se estivesse determinado pelo lugar

institucional, produzindo uma escrita acadêmica. Por outro lado, ele diz que *ver as bixetes novas* lhe dá ânimo para ir à faculdade. Assume, então, sua identidade homossexual em público, já que esse é um espaço de todos e de ninguém ao mesmo tempo. Uma identidade que, talvez, ele não revele à família ou em outros ambientes sociais que frequenta, mas que se sente livre para revelar no seu *blog*. Portanto, esse sujeito produz um movimento de resistência às determinações sociais, e até institucionais, embora deslize e se assujeite a elas quando enuncia que vai *confessar algo*, o que pressupõe que está fazendo algo proibido, e que *precisa tomar cuidado para o barco não afundar*. Aqui, possivelmente, ele esteja se referindo ao uso de drogas, mas prefere manter um “certo” sigilo nessa confissão, ao contrário, por exemplo, da revelação da sua identidade homossexual. Será porque as drogas são proibidas? Provavelmente sim, o que aponta também para a determinação social. Trata-se, então, de um movimento de resistência, mas que está determinado pelo olhar do outro.

Produzindo um efeito de conclusão

Após analisarmos algumas apresentações pessoais produzidas na universidade e textos que contemplam a escrita de si na internet, podemos retomar alguns questionamentos pontuados nas considerações iniciais deste artigo. Observamos que a escrita de si, tanto no ambiente universitário quanto na internet, pode, sim, consti-

tuir-se num espaço de resistência, mas que não rompe com as determinações sociais, tampouco com as determinações institucionais. Essa escrita produz, em alguns momentos, certos deslocamentos, mas nunca uma ruptura com o que a sociedade – incluída aí a universidade e a família – espera desse sujeito moderno. Um sujeito que produz, sim, novos modos de subjetivação com as relações institucionais, mas que, ao mesmo tempo, não escapa das determinações dessas instituições. E se escrever é se mostrar, como dizia Foucault, tanto o sujeito-aluno quanto o sujeito-internauta, ao escreverem sobre si, estão em busca de uma identidade, a qual está sempre marcada pela alteridade, mas também pelo social e pelo ideológico.

Eu diria, então, que a diferença entre a escrita de si na universidade e na internet está marcada, sobretudo, pelo modo como os sujeitos que se inscrevem nesses lugares se relacionam com os outros sujeitos, isto é, com seus interlocutores, por meio de seus textos. No caso da universidade, a escrita do sujeito-aluno tem um leitor marcado, o docente, o que determina fortemente a escrita desse aluno, já que, como vimos nas análises, ela segue um formato padronizado do que pode/deve ser dito numa apresentação pessoal, produzida no ambiente da sala de aula. Já, no caso da internet, esse leitor marcado cede lugar, na maioria das vezes, a um leitor desconhecido, o que poderia nos fazer supor que a escrita de si, nesse caso, não sofreria determinações da exterioridade. No entanto, embora tenhamos nesse ambiente uma escrita fluida, efêmera e menos vigiada, ela não

está livre das determinações sociais, do olhar do outro, um outro que pode ser desconhecido, mas que permanece ali, sempre vigiando.

Essa escrita de si está diretamente relacionada com a construção da identidade desses sujeitos, tanto do aluno quanto do internauta, uma vez que se constitui num exercício que coloca em funcionamento diferentes relações de identificação do sujeito. E nesse movimento de identificação, ora ele se (des)identifica com o saber acadêmico, ora com o saber do senso comum etc., produzindo uma espécie de confissão e, por sua vez, lançando-se sempre ao olhar do outro. Portanto, a construção da identidade desses sujeitos constitui-se sempre num processo de alteridade. Por isso, não é homogênea, mas, sim, heterogênea, o que supõe o trabalho com o simbólico e com o imaginário.

No caso da internet, a identidade do sujeito-internauta constitui-se pelo anonimato, mas também pela determinação do que a sociedade espera dele. Logo, o anonimato torna-se público.

Résumé

La construction de 'identité dans l'écrite de soi: de l'ambiance universitaire a l'internet

Le present travail prétend vérifier comme se construit l'identité des jeunes, à travers de l'écrite de soi, quand ils sont exposés a les différents ambiances pour cette écrite. J'étais, pour autant, les ambiances de l'université et de l'internet avec le propos

d'analyser les déterminations imposées par chaque un de ces ambiances a cet sujet qui s'incrive là pour écrire sur soi. Je cherche donc établir une comparaison entre textes qui circulent dans ces ambiances, en analysant le combien et le comme ces déterminations constituent la construction de l'identités de ces jeunes. Tant l'université comment l'internet peuvent être caractérisées comme espaces de construction de savoirs, pourtant, de ordres bien distinctes. Pendant l'université c'est un lieu institutionnalisé socialement comme constructeur de savoirs, avec normes et règles bien déterminées, l'internet peut être considérée un espace où tout ou presque tout est autorisé, inclusivement écrire sur soi même vers un autre qui est étranger. Donc, dans le cas de l'écrite, un lecteur déterminé – en règle générale, le professeur, cede lieu a un lecteur étranger.

Mots-clés: Écrite de soi. Identité. Ambiance virtuel/institutionnel.

Notas

- ¹ Quando me refiro ao discurso individual, não estou afirmando que o discurso é homogêneo, tampouco que o sujeito que o produz é uno, fonte do dizer. Uso essa nomenclatura por uma questão metodológica, com o intuito de diferenciar o discurso produzido pelo sujeito empírico, que ocupa diferentes lugares sociais – o discurso individual – do discurso que representa um grupo político – o discurso neoliberal, da globalização –, o qual produz, pelo viés do mascaramento, um efeito de sentido pela busca da igualdade e da justiça social.
- ² A obra foi editada no Brasil sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros, e traduzida por Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, publicada pela Martins Fontes, em 2004.
- ³ A data aqui se refere à edição brasileira da obra consultada.
- ⁴ Foucault toma esse termo, no texto em discussão, como uma espécie de retórica própria ou de retórica não-retórica que deve ser a do discurso filosófico.

- ⁵ Refiro-me aqui ao seu artigo intitulado “A escrita de si”, publicado originalmente na revista *Corps Écrit*, em 1983, e publicado aqui no Brasil na coleção Ditos & Escritos V, organizada por Manoel Barros da Motta, com tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa, pela Forense Universitária em 2004.
- ⁶ A data aqui se refere à edição brasileira da obra consultada.
- ⁷ Pêcheux e Fuchs (1975) afirmam que a formação discursiva (FD) “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harrenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes” (1997, p. 166-167).
- ⁸ Estou me referindo aqui ao artigo da autora intitulado “A fragmentação do sujeito em análise do discurso”.
- ⁹ Trabalhei a distinção entre lugar social, lugar discursivo e posição-sujeito na minha tese de doutorado, defendida em 2005 junto ao programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, intitulada *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*.
- ¹⁰ Os grifos nas seqüências são meus e servem para destacar marcas lingüísticas que serão referidas nas análises.
- ¹¹ Percebe-se nessa afirmação uma ironia em relação às mulheres em cargos de chefia, o que aponta o efeito de sentido dominante que circula na sociedade, de que os homens são melhores chefes do que as mulheres. O interessante é que essa afirmação é produzida por uma mulher, o que mostra o preconceito de gênero dentro do próprio discurso feminino, que coloca a mulher numa posição diferenciada da do homem.

Referências

CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos, 2003.

_____. A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias. In: SCHONS, Carme Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de escrita*. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2005. p. 42-54.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 144-162. (Coleção Ditos & escritos, V).

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tanus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 70-81.

ORLANDI, Eni P. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 2. reimp. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001. p. 203-212.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 21-30.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 2. reimp. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001. p. 21-45.

SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, Carme R.; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de escrita*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

Recebido e aprovado em outubro de 2006
